

O DEFICIENTE VISUAL E A EDUCAÇÃO MUSICAL: METODOLOGIAS DE ENSINO

GHIORZI, Matheus Magalhães¹

MÜLLER, Cristiane²

RESUMO: Este trabalho foi realizado com a intenção de reunir subsídios para auxiliar na formação de professores de música que lecionam para portadores de deficiências visuais. A partir dos materiais encontrados durante a pesquisa, percebeu-se que muito se falava do método Musibaille e pouco tinha como intuito compreender e abarcar o ensino de música com métodos não estruturados, ou seja, formas variadas de ensinar, pois a realidade da nossa região muitas vezes não atende os deficientes com tanta especificidade na área em relação ao ensino do Braille, quanto menos o ensino da escrita musical para deficientes visuais. Sendo assim, a pesquisa sentiu a necessidade de elaborar um questionário direcionado a professores de um projeto de música na ADVIR (Associação de Deficientes Visuais do Vale do Itajaí e Região). A pesquisa de caráter qualitativo foi concentrada principalmente na coleta de dados, utilizando-se de um questionário como principal forma de fonte de dados. Ao analisarmos as respostas, concluímos que apesar da falta de conteúdo disponível, poucos cursos preparatórios e todas as dificuldades são possíveis lecionar música de forma harmoniosa e envolvente para deficientes visuais.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias do ensino de música. Deficientes visuais. Formação de professores.

ABSTRACT: This project was developed with the intent of putting together subsidy to assist in the formation of music professors that teach for visual deficiency carriers. Starting with the found materials during a research, it was realized that a lot was said about the Musibaille method and little was had as intuit to comprehend and cover the non-structured methods of music teaching, in other words, diversified ways to teach, because the reality of our region many times doesn't comply with the disabled with such specificity regarding the Braille teaching field, and even less with the music writing teaching for the visually impaired. Therefore, the research felt the need to elaborate a quiz directed to teachers of a music project in ADVIR (Visually Impaired Association of Vale do Itajaí and Region). The qualitative research was concentrated mainly in data collect, using up of a quiz as main way of data source. When analyzing the answers, was concluded that although the lack of available content, little preparatory courses and all the difficulties, it is possible to teach music in a harmonious and involving way to visually impaired.

KEYWORDS: Methodologies of music education. Visually impaired. Teacher training.

¹ Bolsista do artigo 170 (2015). Acadêmico do 6º período do curso de Bacharelado em Música da UNIVALI, ênfase em Canto.

² Professora orientadora do projeto 170. Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Música da UNIVALI.

1 INTRODUÇÃO

Na Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 205, consta que a educação é um direito de todos e dever do estado e da família. O deficiente está integrado na sociedade e também possui este direito. Relacionado à educação musical, no Brasil há um grande número de materiais didáticos e métodos para um ensino de música mais eficiente, existe um acervo bibliográfico disponível em bibliotecas físicas e virtuais.

O acervo está em crescimento contínuo e materiais voltados à educação especial para deficientes visuais estão sendo cada vez mais produzidos. Ainda que este crescimento seja gradativo, um pequeno número de escolas e faculdades de música está de fato preparado para receber um aluno portador de deficiência visual. Muitos profissionais acabam recusando ofertas de trabalho nesta área da educação por não se sentirem seguros. Estes justificam ao relatar que não obtiveram uma preparação especializada para lecionar a alunos com deficiência visual.

O objetivo deste trabalho³ foi de fazer um levantamento bibliográfico e analisar materiais e métodos de ensino direcionados para deficientes visuais. A partir deste levantamento esperamos contribuir na formação de professores que desejam entrar para este nicho da educação.

A pesquisa de caráter qualitativo foi centralizada em livros, dissertações, teses, artigos e vídeos disponibilizados na internet. A principal forma de coleta de dados foi um questionário realizado com professores de um projeto intitulado “Música para meus olhos”, gerenciado por uma associação para deficientes visuais da cidade de Itajaí, a ADVIR.

2 PRIMEIRO CONTATO COM A DEFICIÊNCIA

Diferente do que muitos pensam, e do que eu pensava, o deficiente visual não possui uma qualidade auditiva perfeita para a música, apesar de dependerem mais e aprimorarem este sentido pela falta de outro, o trabalho de musicalização não se torna mais fácil ou de menos trabalho.

³ Artigo Científico em cumprimento ao edital do Artigo 170, sobre pesquisa bibliográfica em educação musical para deficientes visuais.

O trabalho musical com deficientes visuais, especialmente com cegos, parece simples e óbvio, pois supõe-se que eles possuem uma faculdade auditiva excepcional, o que é verdade somente em parte. Eles não nascem com um aparato auditivo perfeito ou melhor, porém, a deficiência os obriga a desenvolver uma capacidade muito grande para escutar e todos os meios capazes de contribuir para o desenvolvimento dessa capacidade são valiosos, já que a maioria dos contatos com o mundo depende da sua percepção e interpretação do som. É necessário educar essa sensibilidade e percepção auditiva. (BERTEVELLI, 2010, p. 163).

Em muitos casos, a deficiência visual é apenas um dos problemas destes alunos que sofrem de doenças mentais, paralisias, entre outras. Assim como acontece com os videntes, algumas pessoas cegas possuem aptidão para música, outras não, mas isto não está relacionado com a deficiência. Quando vemos um artista deficiente não devemos associar o seu sucesso à sua deficiência, mas sim ao seu esforço e entrega aos estudos musicais. “O sucesso de um músico cego há de ser atribuído ao talento e esforço individuais, à competência dos mestres, à eficácia do método empregado - nunca à cegueira em si mesma”. (GANZAROLI, 2002, *apud* BONILHA e CARRASCO, 2007, p. 2).

Em meu processo inicial de inteiração sobre o ensino de música para deficientes visuais, discuti com a orientadora do projeto e educadora musical de videntes e não videntes sobre métodos de ensino, como funcionavam as aulas e a preparação de professores para a educação especial. Apesar de existirem normas legislativas no Brasil que estabelecem que todos os indivíduos, inclusive os deficientes, devem ter acesso ao ensino público de qualidade, poucos materiais especializados e professores capacitados estão presentes nas escolas. Ainda que o acervo de materiais voltados à educação especial para deficientes visuais esteja em um crescimento contínuo, grande parte deste utiliza a Musicografia Braille:

A Musicografia Braille é utilizada desde a invenção do Sistema Braille em 1825, na França, por Louis Braille (1809-1852), que ficou cego aos 3 anos de idade. Essa notação musical deriva do próprio Sistema Braille de leitura e escrita, que consiste na combinação de 6 pontos em relevo, dispostos em duas colunas verticais. (BERTEVELLI, 2007, p.164).

No Brasil, além de Bertevelli, destaca-se a educadora musical Dolores Tomé⁴ (2003), que tem uma obra em língua portuguesa intitulada “Introdução a Musicografia Braille”. O livro apresenta elementos teóricos e práticos sobre a musicografia braille, e se destina os educadores de música que tenham interesse de

⁴ Fundadora do Clube do Choro e uma das flautistas mais requisitadas da cidade, ela é professora da Escola de Música de Brasília, onde coordena o ensino de Musicografia Braille para alunos cegos. (CARVALHO, 2010, p.21).

trabalhar música com deficientes visuais. Antes de inteirar-me sobre o assunto, acreditava que o sistema Braille estava presente desde o início na vida dos deficientes. Infelizmente muitos não sabem ler tal grafia e muitas vezes a nossa região não atende tão especificamente esta área em relação ao ensino do Braille, quanto menos o ensino da escrita musical para deficientes visuais. Este fato despertou em mim interesse para procurar formas variadas de ensino e novos métodos que não utilizem desta grafia que possam ajudar na formação de professores e contribuir de alguma forma para esta área pedagógica.

3 METODOLOGIA

Primeiramente buscamos um reconhecimento do material de estudo, realizando um levantamento bibliográfico sobre o tema em questão. O levantamento bibliográfico “consiste no estudo sistematizado desenvolvido a partir de material publicado em livros e artigos científicos” (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, 2011, p. 39). Nossa busca foi centralizada em livros, dissertações, teses, artigos e vídeos disponibilizados na internet, já que o intuito do trabalho era capturar e analisar as características dos atuais métodos de ensino de música direcionados para deficientes visuais. “Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos.” (LIMA; MIOTO, 2007, p.44).

Mas como a pesquisa bibliográfica "pode se esgotar por si mesma" (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, 2011, p. 39), o estudo comparativo de diferentes abordagens de pesquisadores atuantes na educação musical com foco no ensino a deficientes visuais tomou outro rumo a partir da segunda etapa da pesquisa. Sentimos a necessidade de ir ao encontro de educadores musicais que mantiveram contato com alunos deficientes visuais, ministrando aulas de música regularmente.

O estudo foi possível a partir das técnicas de coleta de dados. Optou-se aqui por aplicar um questionário para professores de um projeto de aulas de música que esteve em atividade de 2011 a julho de 2015 na ADVIR⁵, em parceria com o Conservatório de Música Popular de Itajaí e a Associação de Violões de Itajaí. O

⁵ Associação de Deficientes Visuais do Vale do Itajaí e Região.

questionário é uma das técnicas mais utilizadas na pesquisa social, e tem como vantagem a possibilidade de "obter respostas com rapidez e precisão; além disso, proporciona maior liberdade nas respostas em razão do anonimato, bem como uniformidade na avaliação e rapidez no processamento dos dados". (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ, 2011, p. 55). Os questionários não foram presenciais, mas enviados aos entrevistados via internet, por e-mail, e por este mesmo meio obtivemos o retorno. "A Internet facilita a condução de pesquisa qualitativa de uma forma mais conveniente e eficaz do que quando a mesma pesquisa é conduzida através de meios convencionais." (OLIVEIRA et al., 2009, p. 58).

Quanto à forma das perguntas, optamos por realizar perguntas abertas, onde "os respondentes ficam livres para responderem com suas próprias palavras, sem se limitarem a escolha entre um rol de alternativas". (CHAGAS, 2000, p. 6).

Como principal forma de coleta de dados, foi definida a construção de um questionário com 9 perguntas⁶, formuladas a partir de temas vindos do levantamento bibliográfico feito previamente. O questionário em questão aborda tópicos julgados interessantes e de grande ajuda para a formação de educadores que se depararem com alunos deficientes em suas vidas profissionais. Em um primeiro momento das perguntas, o foco está no professor. Os primeiros tópicos são a respeito do instrumento lecionado, se houve alguma preparação especializada, principais dificuldades para lecionar, adaptações pedagógicas e métodos eficientes para dar aulas a deficientes visuais. Por seguinte houve um enfoque no aprendizado dos alunos, suas dificuldades e práticas eficazes.

O questionário foi aplicado com 4 professores da ADVIR. Para preservar o anonimato os nomes dos professores participantes foram substituídos pela letra P e instrumento (s) que cada um leciona: P. Violão; P. Acordeon; P. Percussão; P. Piano e canto coral. É importante ressaltar que as identidades dos entrevistados serão preservadas, pois "há insegurança em relação ao seu anonimato e por causa disto muitas vezes o entrevistado retém informações importantes." (BONI e QUARESMA, 2005, p. 76).

Objetivando organizar e facilitar a análise os dados coletados, expostos e discutidos aqui, as respostas obtidas por meio do questionário foram divididas em 4

⁶ Ver no Apêndice.

categorias que contém informações e dados concedidos pelos educadores. As categorias são:

- Preparação especializada para ensinar música à deficientes visuais e principais dificuldades encontradas para lecionar;
- Adaptações pedagógicas e métodos eficientes;
- Notáveis dificuldades durante dos alunos durante o aprendizado;
- Habilidades necessárias para que o professor consiga dar uma boa aula e o aluno, deficiente visual, participe efetivamente.

4 PREPARAÇÃO ESPECIALIZADA PARA ENSINAR MÚSICA À DEFICIENTES VISUAIS E PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA LECIONAR

Dos quatro professores convidados a participar da pesquisa, apenas um obteve uma preparação especializada. O P. Violão participou de uma oficina ministrada pela educadora Isabel Bertevelli, que é uma referência no ensino de música para deficientes visuais no país. Os restantes dos professores apenas tiveram uma oportunidade para lecionar e aceitaram o desafio: “Somente tive o convite e resolvi abrir uma nova porta. Sabia que seria um aprendizado” (P. Piano e canto coral). “Recebi o convite de um amigo e resolvi aceitar o desafio” (P. Percussão). Apesar de ter feito um pequeno seminário, assim como os outros três professores, o P. Violão continuou o estudo sobre métodos de ensino por conta própria.

Algumas dificuldades foram comuns entre os três professores (P. Percussão, P. Piano e Canto Coral, P. Acordeon). A comunicação foi uma delas, sinais básicos de mão, olhares, regência, apontar para o instrumento ou algum lugar não tinham valor algum para os alunos.

“Você está vendo aqui? ” Esta é uma pergunta recorrente, e que para eles não adianta dizer, pois mais que seja força de expressão. Sinais comuns de regência, que por serem cegos, não tinham o menor valor. Como mostrar ao aluno de piano como você quer a posição da mão? Algumas dúvidas que tive que aprender com eles e buscar solução. O toque é algo fundamental para nossa orientação aos alunos. Eles precisam sentir a minha mão para entender como fica a mão deles, neste caso. (P. Piano e Canto Coral).

Ocorrências primordiais como o posicionamento dos alunos em sala também se fizeram presentes nas dificuldades. “Inicialmente encontrei muitas dificuldades, inclusive para fazer coisas simples como posicioná-los em sala de aula, dificuldade

esta que os próprios alunos me ajudaram a superar ensinando-me como guiá-los.” (P. Percussão). Com o P. Violão as dificuldades para lecionar não foram devido à deficiência, mas sim pela estrutura e condições que projeto foi implantado:

Durante a semana eles tinham várias atividades, e na sexta-feira eles iam ao Conservatório para as aulas de música. As outras atividades eram, em sua maioria, voltadas ao esporte. Senti que eles enquanto associação (diretoria e associados) não conciliavam bem tudo isso e a música acabava ficando em último plano. Muitas aulas eram canceladas por conta disso. (P. Violão).

O problema maior era a falta de incentivo da associação, e não as dificuldades dos alunos. Se era uma aula por semana, e às vezes eles chegavam a desmarcar duas aulas seguidas, os alunos acabavam ficando muito tempo sem aula. Quando eles voltavam tinha que recomeçar praticamente do zero. (P. Violão).

Nenhum dos professores participantes do projeto têm formação para trabalhar com Musicografia Braille. Com o relato de Carvalho⁷, podemos concluir que esta situação é generalizada.

A situação hoje é que, como os professores de música não têm conhecimento da Musicografia Braille, acabam por recusar-se a lecionar para estudantes cegos por julgarem impossível passar para eles o conteúdo das partituras com efetividade. Desta forma, torna-se muito difícil a inclusão de músicos cegos nas escolas de música regular. Daí a importância do método ser informado nos cursos de licenciatura de todo o país, podendo atrair curiosos, pesquisadores, professores interessados em trabalhar com o público. (CARVALHO, 2010, p. 23).

Percebemos que problemas como a falta de materiais e cursos preparatórios, condições de estrutura e como o projeto foi implantado são dificuldades que necessitam de muito mais trabalho do que as relacionadas com a deficiência, das quais muitas vezes foram resolvidas com a ajuda dos próprios alunos.

5 ADAPTAÇÕES PEDAGÓGICAS E MÉTODOS EFICIENTES

Para cada instrumento o método de ensino é diferente e certas adaptações são necessárias. O P. Percussão relatou que em suas aulas para tocar instrumentos que reproduzem altos volumes e frequências muito agudas como caixa e tamborim precisou trocar baquetas normais por baquetas de feltro, vassourinhas, pois os alunos se incomodavam com intensidades elevadas e frequências muito agudas.

Um aluno do P. Violão por ter baixa visão e por já saber tocar pedia que alguns acordes fossem escritos em folhas para ele treinar. “Havia um aluno com baixa visão, e ele me pedia para escrever alguns acordes para ele ir treinando. Ele

⁷ Carvalho (2010), em sua monografia, discorre sobre o método e o projeto Musibraille, que é aliado à tecnologia de computação.

pedia isso porque já sabia tocar, e eu escrevia grande, dois acordes numa folha A4.
” (P. Violão).

Conforme os relatos dos educadores poucas adaptações foram necessárias, mas algo interessante em comum nas respostas foi a questão de observar o aluno e tentar entender sobre a deficiência. “A observação foi o método que mais funcionou. Observar mais e falar menos é tudo que precisamos quando não sabemos como proceder. O próprio aluno te dá a resposta.” (P. Piano e Canto Coral). O professor de Acordeon conta que várias vezes fechou os olhos nas aulas, para pensar como um deficiente visual: “De fato, você muda o jeito de pensar e até de falar”. “Para o educador que visa familiarizar-se com a pedagogia, é imprescindível que entre também no universo do educando, a fim de aproximar-se o maior possível de sua realidade. A compreensão da realidade do aluno é um dos fatores que darão ao professor conhecimentos para formulação de sua metodologia.” (RODRIGUES, 2010, p. 304). Segundo o professor de violão da ADVIR,

É importante que o professor saiba entender quais as necessidades do aluno, e saber as suas qualidades também. Então ele equilibra o conteúdo em coisas que o aluno sabe, e informações novas. Deve se levar em conta o contexto social dos alunos também, para saber como será a abordagem, e principalmente o repertório a se utilizar.

Alguns métodos eficientes citados nas respostas vieram do próprio aluno, precisou apenas o professor ficar atento no decorrer das aulas, observar como o aluno agia ao receber o conteúdo proposto.

Uma das alunas de piano, depois de algumas aulas, sem querer me mostrou (e eu percebi) que precisava contar e decorar quantas vezes cada nota era tocada, e não importava a quantidade de vezes que ela tocava aquela pequena canção, ela precisava contar. (P. Piano e Canto Coral).

O professor deve ter a sensibilidade de entender que um aluno pode ser mais racional, e o outro que está do lado pode ser mais intuitivo. Vai ter um aluno que vai contar os tempos do compasso pra atacar as cordas no tempo certo, e o outro que vai pelo som. Fica interessante quando o professor sabe distribuir o conteúdo de forma que fique agradável a todos, mas que o aluno que é mais racional possa também ficar mais intuitivo, e vice-versa. (P. Violão).

Durante o processo de levantamento bibliográfico encontrei um documentário sobre os alunos deficientes visuais da Escola de Música de Brasília, “NOITE SEM FIM⁸”. Apesar do documentário não apresentar métodos para ensino propriamente ditos, ele apresenta relatos de alunos e professores contando suas experiências com a música e como lidam com a deficiência no dia a dia. Um destes relatos é de

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rldgr20IP6M>. Acesso em: 15 ago. 2015.

um aluno que enfatiza o uso de referências. Ele explica como consegue pegar um ônibus e parar em seu ponto de destino corretamente, como andar pela casa sem esbarrar pelos móveis e por fim como tocar uma música sem se perder utilizando pontos de referência mentais.

6 PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS

Assim como ocorre com pessoas videntes muitas das dificuldades encontradas pelos alunos estão relacionadas com a prática instrumental e não com a deficiência.

O aluno com deficiência visual não se difere muito do que enxerga, no que diz respeito à iniciação ao violão. Tive um professor que me falava para não olhar as cordas enquanto estudava. No entanto, as dificuldades podem ser relacionadas a: digitação dos acordes (localização dos dedos e sonoridade), levadas de mão direita (o professor pode realizar exercícios de pulsação), e posteriormente na mudança de acordes (localização dos dedos e momento de mudar de acorde). (P. Violão).

O professor de percussão relatou que uma das grandes dificuldades dos alunos foi a de manter a pulsação. Isto vai ao encontro aos obstáculos que o professor encontrou para lecionar. Na rítmica uma das formas mais importantes para manter a pulsação é a regência, que não possui valor algum para alunos cegos.

Em alguns casos, a deficiência visual é apenas um dos problemas destes alunos que sofrem de doenças mentais, paralisias, entre outras deficiências. “Os alunos que atendia eram muito humildes, pouca instrução e com outras deficiências ou doenças que os impediam de aprender integralmente tudo que era passado.” (P. Piano e Canto Coral). Dificuldades na percepção, rítmica, memorização do conteúdo passado, tais problemas também foram comuns nas respostas desta questão.

7 HABILIDADES NECESSÁRIAS PARA QUE O PROFESSOR CONSIGA DAR UMA BOA AULA E O ALUNO, DEFICIENTE VISUAL, PARTICIPE EFETIVAMENTE

Neste tópico as respostas esperadas eram habilidades que os professores, a partir de suas experiências e vivências em sala de aula, julgassem necessárias para que a aula corra de maneira positiva. Assim como em grande parte das respostas do questionário as habilidades julgadas necessárias para ensinar música a deficientes visuais não se diferem em sua maioria das habilidades para lecionar para pessoas que não possuem deficiência. Alguns elementos citados nas respostas como

paciência, criatividade, estar atento às limitações e conhecer o aluno são competências fundamentais a todos os professores que prezem por uma aula harmoniosa com um bom aproveitamento e absorção do conteúdo passado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa conseguiu cumprir com o seu objetivo principal, que era de fazer um levantamento bibliográfico e analisar materiais e métodos de ensino direcionados para deficientes visuais. Como a realidade da nossa região não atende os deficientes com tanta especificidade na área em relação ao ensino do Braille, muito menos da Musicografia Braille, direcionamos outro foco a esta pesquisa centralizando nossa busca em didáticas que se distanciassem desta grafia. Ao iniciarmos a procura, materiais alternativos à Musicografia Braille se fizeram escassos ao lado de um número elevado de pesquisas relacionadas a este sistema. Por conseguinte, houve uma necessidade de elaborar um questionário destinado a professores que já tiveram alguma experiência no ensino de música para deficientes visuais. O objetivo de coletar informações sobre o ensino de música para deficientes visuais a partir das experiências dos 4 professores da ADVIR foi cumprido.

Através do questionário aplicado foi possível concluir que apesar da deficiência impedir certos processos, grande parte das dificuldades de aprendizado e ensino de música se assemelham às dificuldades de pessoas videntes. Exemplos disso são os relatos dos professores na categoria “Principais Dificuldades Encontradas pelos Alunos”. Respostas como manter a pulsação, afinação e percepção melódica, problemas com a digitação de acordes também são dificuldades muito comuns para pessoas que enxergam e que nunca tiveram contato com a música. Quando houveram algumas complicações relacionadas à deficiência os próprios alunos deram as respostas e mostraram aos professores como superá-las. A observação se fez uma ferramenta primordial nas aulas, entender os alunos, suas dificuldades, seus limites e também suas qualidades.

Como optamos por fazer perguntas abertas alguns itens não foram pesquisados com mais profundidade. Estes podem ser interessantes para futuros trabalhos acadêmicos. A primeira questão seria até quando o ensino de música para deficientes visuais sem a utilização da Musicografia Braille se faz por satisfatório.

Acredito que o próximo passo da pesquisa seja o aprofundamento a respeito do sistema Musibaille, procurar compreendê-lo e buscar através de pesquisas métodos de iniciação a este sistema.

Com certeza este trabalho me proporcionou um grande crescimento acadêmico. Pude ampliar meus conhecimentos sobre como fazer uma pesquisa, por ser meu primeiro artigo tive que aprender passo a passo a construção de um artigo científico. Este assunto facilitou o processo, pois despertou em mim um grande interesse.

REFERÊNCIAS

BERTEVELLI, Isabel C. D. **O Ensino da Musicografia Braille Dentro do Contexto da Inclusão de Cegos:** Desvendando a Notação Musical em Relevô. ANAIS - 13º Simpósio Paranaense de Educação Musical. Paraná, 2007, p. 163-165. Disponível em <http://www.musicografia.net/uploads/1/1/2/4/11245254/bertevelli.pdf> . Acesso em: 12 set. 2015.

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa & CARRASCO, Claudiney Rodrigues. **Ensino de Musicografia Braille:** um caminho para a educação musical inclusiva. In: XVII ENCONTRO ANUAL DA ANPPOM, São Paulo: UNESP, 2007.

BONI, Valdete. QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em ciências sociais. Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da ufsc vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>. Acesso em: 20 dez. 2015.

CARVALHO, Maressa Miquelino de. **O Ensino específico de Música para deficientes visuais:** o Método Musibaille. Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Musical da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010. Disponível em: < http://intervox.nce.ufrj.br/musibaille/textos/monografia_maressa_o_metodo_musibaille.pdf>. Acesso em: 22 set. 2015.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston, **O questionário na pesquisa científica.** São Paulo, Universidade Católica de Campinas, 2000. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionari ona_pesquisacientifica.pdf . Acesso em: 29 nov. 2015.

LIMA, Telma Cristiane Sasso, MIOTO, Regina Célia Tamasso, **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico:** a pesquisa bibliográfica, Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe_. Acesso em: 12 jan. 2016.

OLIVEIRA, Marta Olivia Rovedder, et al. **Uma comparação entre entrevista face a face e entrevistas online via chat, aplicando-se a técnica laddering.** Gestão &

Regionalidade. Rio Grande do Sul set./dez, 2009 Volume 25, n. 75, p. 57-72.

Disponível em:

http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_gestao/article/viewFile/195/113 . Acesso em: 12 jan. 2016.

RODRIGUES, Marcelo Inagoki, **Educação Musical de Deficientes Visuais: Analisando Possibilidades de Aplicação de Alguns Princípios do Método Suzuki**, SIMPOM: Subárea de Educação Musical, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. 2010.

TOMÉ, Dolores. **Introdução a Musicografia Braille**. São Paulo: Global Editora, 2003.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. **Produção acadêmico-científica** [recurso eletrônico]: a pesquisa e o ensaio. Cadernos de ensino. Formação continuada. Ensino Superior; Ano 7, n.9 Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2011.

APÊNDICE

Questionário aplicado aos professores de música do projeto Música para Meus Olhos da ADVIR.

1- Primeiramente qual instrumento você leciona ou lecionou e durante quanto tempo?

2 – Você obteve alguma preparação especializada antes de iniciar as aulas à deficientes visuais?

3- Ao iniciar os trabalhos quais foram as principais dificuldades encontradas para lecionar música aos deficientes visuais?

4- Durante o processo de aprendizagem tais dificuldades se agravaram? Com o avanço do conteúdo, novos obstáculos surgiram? Quais?

5- Quais adaptações pedagógicas você teve de fazer para o ensino de alunos com deficiência?

6 – Quais métodos foram mais eficientes em aulas? O que você pode destacar para esta pesquisa, que venha a contribuir para futuros professores de música na educação especial, como algum detalhe de aprendizagem observado durante a sua aula, onde o próprio aluno demonstrou a você como é que ele aprende?

7- Quais dificuldades encontradas pelos alunos para o aprendizado do conteúdo passado que você destacaria?

8- Você sentiu a necessidade em algum momento da utilização da grafia braile, musicografia braile ou algum tipo de grafia?

9- Através de sua experiência, quais são as habilidades necessárias que um professor deve ter para que o aluno deficiente participe efetivamente das aulas?